

# UCLA

## Mester

### Title

Ir e voltar

### Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/7hf2v4zg>

### Journal

Mester, 2(1)

### Author

Machado da Rosa, Alberto

### Publication Date

1971

### DOI

10.5070/M321013434

### Copyright Information

Copyright 1971 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

## Ir e voltar

*Deixo amigos por estranhos,  
deixo a veiga polo mar,  
deixo, en fin, canto ben quero...  
¡Quen pudera non deixar!*

Rosalía de Castro

## Princípio

¡Ai triste de quem é triste  
na travessia do mar!  
Tem uma dor de partir  
e tem medo de chegar.

Vê sua terra sorrindo,  
vê sua gente a chorar.

Passa no barco seus dias  
sem dormir e a sonhar.

Come o arroz de terceira  
com ganas de vomitar.

Um dia, de manhãzinha  
começa o povo a galhar.

Vêem-se muitos navios,  
muito avião a voar,

e uma terra cinzenta  
com muito fumo no ar.

Vê uma bandeira nova,  
uma estátua de espantar

e casas altas, tão altas  
que querem o céu furar.

Sente uma coisa nos olhos  
que não o deixa mirar,

e vai descendo as escadas  
com vontade de voltar.

Quer um bilhete de volta,  
mas não o pode comprar.

Pede o dinheiro aos amigos,  
não lho podem emprestar.

Vê o dinheiro dos outros  
mas nunca soube roubar.

Pega no saquinho às costas  
e começa a caminhar.

Tem a roupa toda suja,  
a cara toda a suar.

Um homenzarrão de azul  
dá-lhe um papel, a gritar.

O papel cheira a dinheiro  
¿onde é que o irá buscar?

27

O bruto grita que grita  
iaí quem soubesse falar!

### Meio

Os anos passam depressa  
e os dias devagar.

Passam anos e mais anos  
iquem os pudesse parar!

Trabalha dias e noites  
a vender e a comprar.

Compra e vende, noite e dia,  
não tem tempo de pensar.

Esqueceu a sua gente,  
não tem tempo para amar.

Nunca mais lhes escreveu,  
já nem sabe soletrar.

O livro que a Mãe lhe deu  
¿onde é que foi parar?

Orações que bem sabia,  
não sabe mais recitar.

Só diz palavras mal ditas  
¿quem é que o há-de ensinar?

Um dia, pela tardinha,  
i que saudade de matar!

Vende tudo, tudo vende,  
pra seu dinheiro juntar.

Volta à sua velha terra  
de primeira e pelo ar.

As bandeirinhas em baixo  
são lencinhos a acenar.

O mar, que era tamanho,  
é um laguinho a azular.

Dão-lhe lagosta e champagne  
que é mesmo de consolar.

Com a boca ainda cheia  
vê a Pátria a despontar.

O sol, laranja madura,  
quase se está a afundar.

Desaperta o cinto e sai,  
vai suas malas buscar.

Grandes malas, lindas malas,  
cheinhas, a abarrotar.

Leva roupas e mais roupas  
para si é para dar.

Mira à volta, mira, mira,  
¿quem é que o veio esperar?

Só uns gajos bem falantes  
estão ali pró saudar.

Dão-lhe uma rica medalha,  
um papel a acompanhar.

São homens de muita escola,  
muito bons pra discursar.

Dizem-lhe palavras lindas,  
todos o vêm abraçar.

Ele diz-lhes “muito obrigado”  
com a cabeça a abanar.

Para não dizer asneiras  
cala e anda, devagar.

Um homem de azul vestido  
ao hotel o vai levar.

29

O homem, fala que fala,  
e êle, sem poder falar.

Aqueles a quem bem queria  
estão na terra a descansar.

A noite já vem caíndo,  
ninguém o vê a chorar.

!Ai triste de quem é triste  
na travessia do mar!  
Tem uma dor no partir  
Tem outra dor no chegar.

## Fim

Manda fazer uma casa,  
a mais alta do lugar.

Casa com duas bandeiras  
e riquezas de pasmar.

Com papel e com medalha  
tem muito para contar

e muitos, muitos que o ouvem,  
só o querem imitar.

Nesta hora e neste dia  
vão e voltam, sem parar.

Vão e voltam, vão e voltam,  
pela terra e pelo ar.

Ele mesmo, segundo dizem,  
já pensava em regressar.

Mas a morte, a negra morte,  
não o deixou embarcar.

Quando o sol ia saíndo  
lá o foram sepultar.

iAi triste de quem é triste  
na travessia do mar!  
deixou tudo ao partir  
nada encontrou ao chegar.

Alberto Machado da Rosa